



Capítulo 2 - As quatro Marias

Encaro o pote de biscoitos improvisado como nova urna depois de limpar o estrago que Pitaia causou. Olho para o quadro de minha avó e coço a cabeça com um sorriso amarelado. Espero que ela perdoe o gatinho pelo que fez.

Eu me sinto desconfortável, até mesmo desrespeitosa. Não, eu não vou deixar os restos de minha avó no mesmo lugar onde ela guardava lanches. Mas o que eu faço? Magali, minha amiga que prefere cachorros e gosta de comer pitaia, me contou quanto aos ritos funerários do velho mundo. Sim, na geração de minha avó, era comum que funerais fossem ligados a rituais religiosos. Um lance de que existiria uma vida após esta, em um lugar melhor. Ao mesmo tempo em que acreditar nessas coisas traria conforto a mim — por acreditar que minha mãe e avó, e provavelmente minha irmã, estariam neste tal “bom lugar” —, a ideia de morrer e ter que voltar à vida me assusta. Já estou cansada dessa, imagina ter que lidar com outra inteirinha?

Mas, em especial, o que lembro ao ver as cinzas é de outro tipo de comportamento. “Alguns jogavam as cinzas no mar, não acha poético?” Não concordava com ela, achava nojento pensar que, nas vezes em que ia à praia, nadava ao lado de restos mortais. Magali explicou também ser comum jogar as cinzas

em lugares especiais para o morto.

Aí está! Espero que a minha avó ache uma boa homenagem. De todo modo, acredito que seja mais respeitoso do que ficar no pote de biscoitos.

— Miaaaaaau! — Pela reação do Pitaia, acho que ele também gostou da ideia. Isso se ele souber ler mentes.

Pego o pote de biscoitos e sigo até a entrada da casa na companhia do Pitaia. Jogo parte das cinzas na base da árvore morta e sorrio ao ver o balanço jogado no meio do capim seco, com a imagem de minha mãe brincando aqui antes de tudo ruir. Sigo para o quintal aos fundos e espalho o restante das cinzas por cada canto. Sei o quanto minha avó amava este lugar. Afinal, sempre negou os convites de minha mãe para morarem juntas na capital. Espero que, caso o outro lado realmente exista e ela, de alguma forma, esteja vendo este gesto, se sinta feliz. Pitaia roça em minhas pernas.

Volto para dentro da casa e me espreguiço. O dia será longo, preciso descarregar as malas, além de reabastecer a despensa e a geladeira, apesar de já ter alguns mantimentos aqui. Arrasto o portão maior, que dá acesso a uma área limpa perfeita para usar como minha garagem, antes de abrir o porta-malas do fusca e começar a levar as poucas coisas que tenho para dentro de minha nova casa. Uma mala com roupas e outra mala com algumas decorações e fotos.

Começo pelas fotos. Abro espaço entre alguns porta-retratos de minha avó, sorrio ao ver ela e minha mãe, tão jovens e tão felizes. Imagino como foi a vida da dona Rosa ao lado de uma mãe tão... excêntrica antes de conhecer o meu pai.

Aparentemente era feliz, mais do que foi ao lado do velho.

Olha! Será que essa sou eu? Que bochechas redondas. Até que eu era uma menininha fofa. Por mais que meu pai fosse contra a ideia, minha mãe contou que foi minha avó quem realizou o meu parto. Aliás, esta é uma boa história para se contar.

De acordo com a minha mãe, a minha avó sempre dizia que ela teria uma menina, e seria ela mesma quem realizaria meu parto. E não é que acertou? Por mais que as coisas não tenham saído como imaginava. Afinal, minha mãe se casou com o meu pai, um homem cético, ateu e rico, que jamais deixaria sua mulher e sua primogênita nas mãos de uma parteira se tinha condições de pagar pelos melhores obstetras do país.

E assim o fez.

Quando minha mãe começou a sentir as contrações, rapidamente foi levada até o melhor hospital do país, mas os melhores médicos e enfermeiros não foram o suficiente para impedir as complicações que aconteceram durante o meu parto.

— Ela está perdendo muito sangue.

— A posição que o bebê está... corre o risco de se sufocar.

— Por favor, salvem-na! — Minha mãe estava quase desacordada, mas era capaz de ouvir a voz de meu pai e dos

médicos.

— Senhora! Não pode entrar aqui!

A visão dela estava turva, mas sabia quem tinha passado pelas enfermeiras. Minha avó ignorou todas as advertências.

— Meu filho, por favor, deixe que eu a ajude.

Meu pai demorou alguns segundos para responder.

— Por favor.

Mas cedeu.

— Venha querida.

Minha avó afastou o médico e se sentou na cama da minha mãe, então bateu no seu colo. Dona Rosa me contou que não sabia como tinha conseguido forças para se sentar entre as pernas da Dona Arruda.

— Vamos, querida, vamos juntas. Só mais um pouco. Força!

Minha mãe gritou, minha avó pressionou o alto da barriga dela e eu saí como em um espirro. O médico me pegou a tempo de não cair no chão, tamanha foi a velocidade do ocorrido. Minha mãe diz que meu pai ficou boquiaberto com toda a situação, e grato por tanto eu quanto a minha mãe termos ficado bem.

Tanto que, como gesto de gratidão, deixou que minha avó realizasse todo o ritual para a escolha de meu nome.

— Obrigada por isso, aliás — falo enquanto olho o quadro acima da estante e ouço o miado atrás de mim. Encaro Pitaia e ele inclina a cabeça. Que besteira pensar que ele respondeu ao agradecimento.

Volto a organizar as fotografias e sorrio ao ver uma foto minha com a minha irmã, tão pequena. Não, ela não se chama Maria, e não é filha de minha mãe, mas somos do mesmo sangue por parte de meu pai, que se casou de novo após a morte da dona Rosa.

Não gostava de minha madrasta — talvez por ela ser pouco mais velha do que eu, talvez por meu pai não ter demorado para arrumar uma *substituta* —, mas isso mudou quando vi aquele bebe pequenininho, que apertou meu dedo com sua mãozinha. Lúcia era o meu anjinho, a felicidade que um dia perdi com a morte de minha mãe.

Pelo menos, era meu motivo de sorrir até que um dia decidi não acordar mais.

Não, Lúcia não está morta. Ela é uma das milhares de crianças que, ao atingirem os 7 anos, dormiram e não acordaram mais. É como se estivesse em coma, mas ninguém sabe a causa ou a cura deste mal: “O Mal dos Sete”.

Esfrego os olhos para evitar que as lágrimas escorram. Pitaia roça em minhas pernas e eu o pego nos braços, então ele ronrona e me tira um sorriso.

— Não precisa se preocupar comigo, eu vou ficar bem.

Deixo-o descer e levo as malas para o único quarto da casa:

o quarto de minha avó — e agora o lugar onde irei dormir. Abro o armário e dou de cara com vários casacos e saias longas, assim como um novelo de lã e agulhas. Será que ela também fazia suas próprias roupas? Depois irei separar algumas delas para doação, mas ficarei com alguns casacos — acredito que, pela quantidade deles, esta região possa ser fria. Abro espaço para as minhas roupas. Felizmente não são tantas e cabem no pouco espaço que resta.

Vasculhando os fundos, me assusto ao ver uma caixa de primeiros socorros com várias seringas e agulhas. Lembro que minha mãe mencionou sobre minha avó sofrer de diabetes, provavelmente as usava para tomar insulina. Deixarei isso quieto por enquanto.

Com as malas vazias, no fundo, encontro um colar feito com um cordão cheio de bolinhas e um pingente de cruz. Minha mãe me deu o que chamava de “terço” antes de falecer. Disse que era um presente de minha avó, que agora era meu.

Pego-o, fecho a cruz em meu punho e balanço a cabeça para afastar as lembranças que ainda doem. Deveria deixá-lo aqui, escondido por me fazer lembrar do que fiz; ou o melhor a se fazer é deixá-lo à vista, para que eu me lembre de meus erros e o motivo pelo qual estou neste lugar. Penduro o colar na cabeceira da cama, para que o veja todos os dias antes de dormir e assim que acordar.

Bom, tudo em ordem, e demorou menos do que eu esperava. Coloco as mãos na cintura e olho em volta. O barracão é pequeno, sala de entrada conjugada com a cozinha, corredor que tem duas portas — uma que dá para o quarto, outra que dá para o banheiro —, a porta no fim do corredor dá

no quintal, onde fica a estufa. Tudo está organizado, mas tem um pouco de pó nas superfícies. Depois de comprar comida, vou dar uma faxina.

— Volto logo, gatinho. — Afago a orelha do Pitaia e sigo em direção à saída.

Pego a chave do fusca, abro a porta e me sento no banco de couro. Olho pelo retrovisor, o céu azul, as árvores e o verde que toca minha pele com gentileza. Uma paisagem linda, que eu vejo pelo espelho do retrovisor, mas por que não a ver de fato? Senti-la. Está decidido. Abro o porta-luvas, pego a minha carteira e tranco o fusca. Irei a pé.

Peço informação perto de um mercadinho que fica a poucos metros da casa de minha avó. O vilarejo é pequeno, ousou dizer que em menos de uma hora consigo cruzá-lo. Tão pequeno a ponto de as estradas serem de terra. Existe apenas uma rua reta que cruza todo o lugar; de ambos os lados desta, há casas e, entre as casas, extensões da mata que se confundem à civilização.

Enquanto caminho, cruzo com alguns dos moradores do lugar. Eles me cumprimentam, eu os respondo. Não estou acostumada com gestos de educação, mas gosto disso. Chego à vendinha e ajo da forma que aprendi durante o percurso até aqui.

— Bom dia! — Abro um sorriso para a senhora de cabelos curtos e óculos presos a uma cordinha que envolve o seu pescoço.

— Misericórdia! — Ela coloca a mão sob o peito e fica

pálida. — Maria? É você?

— Sim, sou eu, mas como sabe o meu nome?

A mulher despenca sobre o caixa.

— O que? Alguém me ajuda! Ela... desmaiou!

As poucas pessoas que estão por perto se mobilizam. Uma a coloca sentada, outra pega uma revista velha e começa a abaná-la, um senhor traz álcool de uma das prateleiras, abre a garrafa e aproxima da narina da velha, que desperta em tosses.

— Você deveria estar morta!

— Eu, morta? — Só agora entendo o que aconteceu. Minha mãe sempre dizia o quanto, à medida que crescia, ficava mais parecida com a dona Arruda. — O meu nome é Maria Bela. Sou neta da Maria Arruda. — Tento um sorriso.

— Minha nossa, vocês são idênticas!

— Sim, já me disseram isso algumas vezes. Perdão pelo mal-entendido.

— Eu que peço desculpas, querida. Por favor, fique à vontade.

Aceno com a cabeça e me enfio entre as prateleiras, a dona do mercadinho e as pessoas que a ajudaram me acompanham com os olhos. Pego tudo o que eu preciso com rapidez, odeio ser o centro das atenções, mas o que eu esperava? Sou carne nova no pedaço e, depois deste escândalo, parece que ando com uma melancia amarrada na cabeça.

— Prontinho, pode ficar com o troco. — Pego as sacolinhas e

saio o mais rápido que consigo dali.

Volto para casa com a cabeça baixa, ignoro os olhares e cumprimentos, não quero que a confusão se repita. Entro, tranco a porta e jogo as compras no balcão da cozinha. Pego um copo de massa de tomate, que agora serve como recipiente para a água que sai do filtro de barro, e tomo tudo em um gole.

Apoiada no balcão, encaro a caixa com o livro ou diário de minha avó. Dona Arruda não era somente uma senhora excêntrica, pelo que aconteceu no mercadinho, também era popular. Mas por qual motivo? Bom, se fez o meu parto, talvez tenha ajudado a várias mulheres desta cidade, isso já é motivo de sobra para ser reconhecida, ainda mais em um lugar tão pequeno. Quem diria: minha avó, uma celebridade local.

Coloco o copo improvisado de volta na base do filtro e me sento à mesa, então abro a caixa, pego o livro e vou para a primeira página, o que faz meus olhos se arregalarem. Escrito na capa interna, encontro algo que chama a minha atenção:

“Pertence às quatro Marias. Maria Sol, Maria Arruda, Maria Rosa e Maria Bela.”

Então a primeira dona deste livro foi a minha bisavó! Legal esse lance de passar algo de mãe para filha. Será que um dia, caso eu mude minha ideia quanto à maternidade, também o repassarei? Seria legal, mas um bebê hoje em dia jogaria essa velharia fora e pediria por um celular.

Folheio o material. Algumas páginas estão grudadas, por isso molho a ponta dos dedos com saliva para facilitar a minha passada de olho. Aos poucos, percebo que a caligrafia se

modifica, o fim do livro com algumas páginas em branco me faz questionar:

— Devo escrever nele também?

Pitaia pula na mesa e mia. Faço carinho nele.

— Pelo que parece, são anotações quanto à botânica. Tem algumas receitas aqui: tônicos, xaropes, banhos... Eu não tenho nenhum conhecimento quanto a essas coisas, muito pelo contrário. — Descanse em paz, cacto que matei. — Lamento ir contra as expectativas de vocês, Marias anteriores. — Guardo o livro dentro da caixa. — Hora de fazer uma faxina.

Pego vassoura, balde, panos e rodo na despensa — um quartinho pequeno acoplado à cortina com prateleiras de grãos, ferramentas e utensílios domésticos. Coloco os fones de ouvido e ouço um podcast de fofocas que baixei enquanto tiro o pó de tudo.

Conserto um vazamento na pia do banheiro e aperto os parafusos da porta de entrada para evitar que o rangido sinistro volte a me assustar. Preciso fazer mais alguns reparos, mas deixarei para consertar tudo aos poucos.

Coloco cobertores, toalhas e fronhas no varal para tomarem um sol e abro todas as janelas para ventilar o lugar. Quando começa a escurecer, termino tudo. Tomo um bom banho e faço macarrão instantâneo para o jantar.

Cansada pelo dia cheio, vou até o quarto e me deito na cama. Fecho os olhos, mas não consigo pegar no sono, meu corpo está tão cansado a ponto de eu ser incapaz de relaxar. Olho para cima e vejo o crucifixo. O objeto proibido que minha

mãe me confidenciou.

Em um passado distante, muitas pessoas andavam com isso. Usavam em seus rituais e em conversas com uma força superior que chamavam de “Deus”. De acordo com as religiões que hoje em dia são lendas, as pessoas conseguiam o que pediam através de conversas que tinham com essa divindade. Quem dera tudo fosse assim tão fácil. Apesar de aquilo ter acontecido, foi apenas uma coincidência.

— Você realmente existe? — Olho para o céu estrelado, nunca imaginei que tantos pontos luminosos poderiam existir. — Se sim, deve se sentir solitário, não é? Afinal, se no passado conversavam tanto com você, e hoje em dia não acreditam em nada além do que podemos ver e tocar... Bom, se você for real, saiba que não está sozinho. Também me sinto só e isso é uma merda. Então, caso esteja me ouvindo, e para o fazer se lembrar dos bons tempos, lá vai um pedido: me dê algum sinal de que você é real.

Depois desse devaneio, sou pega pelo sono. Desperto de manhã com o cantar de um galo, o sol nasce e a névoa dá a sensação de que ainda não despertei. Ao me espreguiçar e olhar pela janela, acredito que ainda estou dormindo. O que vejo só pode ser um sonho.

— O que aconteceu aqui? — Eu me belisco. — Ai, porcaria!

Certo, estou acordada.

Corro para o quintal, com Pitaia me observando. Minha pele arrepia, parte pelo frio, parte pelo assombro ao ver o jardim de minha avó em perfeito estado, sem nenhuma erva daninha, sem

a grama seca e o que mais me assombra: a árvore, que antes estava morta, agora exhibe folhagens de um verde vívido e repleta de flores rosas.

— Nossa, não precisava disso tudo. Uma coisa caindo, ou um arrepio que seja, já seria o suficiente.

Olho para o céu.